

DESPEDIDA

Fiz muitas despedidas na vida: de pessoas, de empregos, dos gramados de futebol e muitas outras. Agora, farei mais uma: após quarenta e dois anos, não vou mais receber jornais impressos, acabo de trocar minha assinatura pelo formato digital. Não mais ouvirei o ruído surdo e abafado do pacote com o jornal batendo na traseira do carro na garagem, nem o encontrarei molhado sobre as plantas do jardim.

Minha vida como leitor de jornais começou cedo, desde o tempo em que buscava carne embrulhada em jornal no açougue para minha mãe e as notícias vinham impressas na carne. Meu pai era assinante do “Diário de São Paulo” e da “Falha de SP”, assim como do “Comércio da Franca”, gostava de ler. Nunca assinou o “Estadão”, dizia que era o jornal dos “cães da UDN” e dos ricos. No final da tarde ou início da noite sentava-se numa cadeira da mesa da copa de nossa casa no centro de Franca, acendia um cigarro atrás do outro e lia de cabo a rabo todos eles.

Quando comecei minha vida profissional em 1974, comecei a colaborar com o “Diário da Franca - DF”, cuja paga era fornecer uma assinatura de cortesia, que continuou sendo enviada mesmo depois que passei a escrever para o “Comércio da Franca” em 1989, cujo pagamento também era uma assinatura-cortesia. Havia sido recrutado pelo dono do jornal no final de 1988, quando nos encontramos casualmente nos correios, onde tínhamos uma caixa postal que ia diariamente para buscar a correspondência, que também era toda em papel. Topei mudar de jornal com uma exigência: nenhuma censura, escreveria o que pensasse e quisesse.

Ele topou e deu carta branca durante quatro anos. Montei várias colunas: “Vara Curta”, sobre a política local, “Quadradosinhos”, sobre histórias em quadrinhos (meu hobby), “Do fundo do baú” (com fotos antigas da cidade, depois assumida pela Atalie) e as “Crônicas cruzmaltinas”, sobre o cotidiano local. Sugeri também a criação de um caderno de cultura do jornal, que acabou surgindo na época. Em 1993, o jornal (que havia sido oposição ao prefeito anterior) passou a apoiar o eleito e tive um texto censurado. Nem conversei com o dono, peguei meu boné e fui pra casa, mas devo dizer que o jornal manteve a assinatura de cortesia até meu retorno em 2005, após o falecimento do antigo dono. Já o “DF” cortou a assinatura no final dos anos 2000, hoje não existe mais.

Em 2012, fui defenestrado definitivamente do “Comércio da Franca” e, pouco depois, a assinatura de cortesia desapareceu. Agora, escrevo nas redes sociais e leio na internet as notícias “verdadeiras” e a enxurrada diária de “fake news”. Livros continuo lendo em papel, sabendo que a mudança é inexorável. Se para melhor ou pior, não sabemos ainda, mas tudo indica que o futuro dos filmes de ficção como “Blade Runner” e seus mundos distópicos, violentos, autoritários e desiguais parecem cada vez mais com o Brasil que nos aguarda.

Mauro Ferreira é arquiteto